

“Me formei professora aos 18 anos”

A entrevistada do jornalista João Umberto Nassif de hoje é a professora Aurea Pavan, nascida em 1930

Aurea Pavan nasceu a 22 de abril de 1930, no Bairro dos Godinhos, a oito quilômetros da Vila Rezende. Filha de Santo Pavan e Amélia Rossi Pavan, que tiveram mais uma filha Hermira Pavan. Ela diz: “Quando eu nasci o meu pai trabalhava na zona rural, no sítio de propriedade do meu avô. Depois ele ingressou na Escola de Agronomia, foi trabalhar como prático de laboratório, seu chefe era Dr. Jairo Ribeiro de Mattos”.

A senhora estudou no Bairro dos Godinhos?

Não. Comecei no Grupo Escolar Prudente de Moraes que funcionava onde hoje é o Museu Prudente de Moraes. Ali funcionava uma escola, onde fiz o curso primário. Minha primeira professora foi Julieta Araujo, depois no segundo ano foi Dona Bene, esposa do diretor da escola. Dona Mariana foi minha professora nos dois anos seguintes. Chamava-se Grupo Escolar Dr. Prudente, éramos chamadas de “galinhas carijós”, por causa da saia xadrezinha de branco e preto e a blusa branca.

Quantas alunas estudavam nessa escola?

Cada classe devia ter de trinta a quarenta alunas. Era uma classe de cada série. Acredito que havia aulas no período da manhã e da tarde. Brincávamos no pátio, no fundo havia o Centro de Cooperação, ali tinha muitos livros, esses livros que as pessoas compravam e não queriam mais, eram doados. Nós liamos todos aqueles livros, quem quisesse poderia tirar, como uma biblioteca. Acredito que o Centro de Cooperação deveria ter outras atividades que no momento não me lembro.

Após concluir o primário no Grupo Escolar Prudente de Moraes, a senhora foi para qual escola?

Fui estudar o ginásio no Colégio Assunção, situado na Rua D. Pedro I esquina com a Rua Alfereis José Caetano. Ali funcionou o Externato São José. As alunas do Internato São José estudavam também ali, embora estivessem morando onde hoje é o Colégio Dom Bosco Assunção. Elas estudavam em salas separadas, até mesmo na hora do recreio havia a separação de alunas do Internato São José conosco. Elas não se comunicavam conosco, era regra. Ali estudei até a quarta série. Eram só classes femininas. Havia a parte masculina, mas em período diferente das meninas. Uma parte ia à tarde outra à pela manhã. O Colégio era administrado pelas Irmãs de São José, sendo que algumas davam aulas, lembro-me de Irmã Maria Angélica, Irmã Jesus Crucificada, havia também professores que vinham dar aulas e não seguiam a carreira religiosa. Toda semana tínhamos uma instrução religiosa, reuníamos todas as classes, recebíamos orientação religiosa.

Ali o uniforme já era diferente?

A saia era pregueada, escura, azul marinho, blusa branca de manga comprida e gravata azul marinho! Sapato escolar, fechado, preto. Meias compridas ou três quartos.

A senhora morava em que local da cidade?

Morei em diversas casas,

nessa época eu morava na Rua Regente Feijó, bem ao lado onde é hoje o Grupo Prudente de Moraes. Nessa época começaram a construir casas na Agronomia, para os agrônomos e funcionários mais classificados. Passei a morar lá, com meus pais.

Como a senhora fazia para ir até a escola?

La de bonde! Naquele tempo todo o mundo andava de bonde. Não havia carro. Quando queria um carro só com motorista de praça, o taxi de hoje, para poder ir a casamentos, festas. Os primeiros carros que apareceram na Escola de Agronomia foram do Dr. Accorsi e do Dr. Felipe Cabral. O Dr. Accorsi nunca morou lá, mas o Dr. Felipe Cabral morou lá. O Dr. Accorsi sempre nos dava carona quando estávamos esperando o bonde no ponto. Os agrônomos eram poucos, conheci todos. E todos me conhecia, meu pai era uma pessoa muito estimada na Escola de Agronomia.

Quando a senhora morou na Agronomia tinha uma visão privilegiada da natureza.

Tinha! Aqueles lagos, as pessoas iam fazer turismo, visitar.

Após concluir o ginásio no Colégio Assunção a senhora foi estudar em que escola?

Fui estudar no Instituto São Mennucci. Ia de bonde. Muitas vezes ia a pé, iam a pé a todos os lugares, mesmo quando iam a bailes, voltávamos dos bailes de madrugada, a pé, e os guardas municipais com suas bicicletas acompanhavam-nos, protegendo-nos. Éramos um grupo de moças e rapazes.

No Sud Mennucci a senhora fez a escola normal?

Quando eu entrei já tinha esse nome, Escola Normal Sud Mennucci. Quando fiz o exame para entrar na primeira série Erotides de Campos foi o professor que me examinou, fez o exame oral. Conheci o professor Jethro Vaz de Toledo, professor Arruda, que dava aulas de psicologia, para mim foram muito importantes os professores Benedito Dutra e João Dutra professores de música e desenho. A orquestra do Professor Benedito Dutra foi maravilhosa. Na minha formatura a sua orquestra é que se apresentou, foi no Teatro São José. Eu me formei professora aos 18 anos.

Até os 18 anos a senhora tinha uma vida social em Piracicaba?

Um grande amiga era a Nely de Oliveira Camponês do Brasil, o pai dela era diretor de escola e a sua mãe era professora. Ela tinha um irmão cinco anos mais velho do que ela e uma irmã cinco anos mais nova, que ainda mora na mesma casa que era dos pais dela e eu frequentava, na Rua Tiradentes esquina com a Rua Regente Feijó.

Você iam ao cinema?

As quinta-feiras havia a Sessão das Moças, em todos os cinemas. Naquele época todos os filmes eram românticos. Todo enredo de filme

tinha: sonho, romance e poesia! As famílias iam, os pais, filhos, todos gostavam.

Tinha algum ator que chamava em especial a atenção da senhora?

Dependia do desempenho. Bonito tinha o Tyrone Power. Já era o tempo do cinema falado. O meu avô paterno, Napoleão Pavan chegou a tocar em cinema mudo. Nossa família sempre gostou de música, meu pai tocava clarinete, meus tios tocavam bateria. Eu comecei a tocar piano, percebi que não iria dedicar minha vida inteira ao piano, se não me dedicasse

não seria uma boa pianista. Vendi o piano.

A senhora é uma pessoa muito determinada?

Eu sabia o que eu não queria, o que eu queria eu não sabia, só que Deus sabia. Foi encaminhada para

o lado certo e tive uma vida muito feliz.

A senhora é religiosa?

Sou católica, até hoje, pelo fato de morar na Escola de Agronomia ia muito a Igreja São Judas Tadeu, que é a mais próxima. Quando chovia, ali era tudo terra, ficava um lamaçal. Só com a administração de Luciano Guidotti que muitas ruas foram asfaltadas, inclusive ali. Eu pegava o bonde e ia até a Igreja da Catedral, mas eu gostava muito de ir até a Igreja Sagrado Coração de Jesus com o n h e c i d a como Igreja dos Frades. Descia do bonde da Escola Agrícola e embarcava no bonde da Paulista, ia até a Igreja dos Frades. Muitas vezes ia a pé mesmo, para nós tudo era perto. Naquele época era comum andar muito.

Como eram os bailes do Clube Coronel Barbosa?

Eu frequentava o Clube Coronel Barbosa, que era considerado o clube da elite na época. Em 1948, quando me formei, havia muitos bailes de formaturas de escolas. Depois começaram as brincadeiras dançantes com músicas tocadas em discos. Iamos ao cinema na primeira sessão, mulher não podia ficar na rua após as dez horas da noite, ficava comentada. Os homens podiam ficar, as mulheres não.

A senhora formou-se professora e foi lecionar?

Seis meses fiquei por aqui na Escola Honorato Faustino, que existe até hoje, na época era na vilinha da Vila Boyes. Depois fui lecionar na zona rural onde nasci, eu tinha parentes que moravam junto a escola. Naquele época não havia ônibus que ia para lá. Na zona rural ganhava-se mais ponto para poder ingressar mais rápido. Eu morava lá e voltava para casa aos finais de semana. Tinha um ônibus que só servia o bairro, era da família Angeli. Eles traziam o pessoal do bairro para Piracicaba pela manhã e voltavam a tarde. Quem tinha que ir para lá pela manhã não tinha condução. Eu ficava na casa dos meus

tios, e a minha prima ficava na minha casa em Piracicaba. No ano seguinte peguei uma classe como substituta eu ia com os professores que pagavam o aluguel de um carro, que nos levava e trazia todos os dias. Fiquei um ano lá, no ano seguinte ingressei e fui para Rancharia. Ia até Botucatu, pegava um trem, andava horas e horas, Rancharia estava subordinada a delegacia de ensino de Presidente Prudente. Encontrava com muitos piracicabanos desde o começo até o fim da linha. Vinhamos à Piracicaba nos feriados, férias.

Em Rancharia a senhora morava onde?

Eu morava em casa de família. Lecionava 55 quilômetros distante de Rancharia. Iamos duas vezes ao mês até Rancharia, uma para assistir a reunião e outra para receber o ordenado. Ali fazíamos amizades, naquela época professor era considerado uma autoridade. Logo que cheguei nessa vilinha, foram convidados missionários católicos para virem, ficarem durante a semana, para pregar os ensinamentos católicos. Foram convidados para almoçar e os professores também foram convidados para ficarem almoçando junto com eles, éramos considerados autoridades.

Quanto tempo a senhora permaneceu em Rancharia?

Fiquei dois anos e pouco, de lá vim para Elias Fausto, foi caindo por partes”. Ele morava na Rua Santo Antonio esquina com a Rua Voluntários da Pátria. Minha amiga Janete Bassinello trabalhava no Banco da Bahia, localiza o bem na esquina da Rua São José com a Praça José Bonifácio, em frente ao Clube Coronel Barbosa. Ela estava dentro do carro, ia dar partida para rodear o jardim, iria passar por lá naquela hora, ela viu o prédio cair, instintivamente deu marcha lá e na segunda-feira eu voltei. Fiquei sozinho, esperamos bem pertinho no momento

em que aconteceu tudo isso. Depois fomos acompanhando pelo jornal o que estava acontecendo. Eu tinha uma costureira que ia trabalhar nas casas particulares, ela trabalhava por dia, ela tinha o pai e o irmão trabalhando no prédio nessa hora. O pai estava de um lado e o filho do outro. O pai resolveu sair para tomar um cafezinho, convidou o filho que estava no outro lado. O filho não aceitou nesse momento o prédio ruiu do lado em que estava o filho. Ele faleceu e o pai e o irmão

Na opinião da senhora nada acontece por acaso?

Eu acredito que não. É você que plantou anteriormente. Com seu pensamento errado. Quem nos comanda é o subconsciente. Ele pode ser mudado.

Como o ser humano muda o subconsciente?

Eu mudei o meu e tento mudar tudo que vou percebendo. Faço isso através da Seicho-No-Ie.

Uma pessoa que não conhece a Seicho-No-Ie pode mudar o comportamento mental?

Assisti, era interessante que às vezes ouvíamos esta-



“Quem nos comanda é o subconsciente. Ele pode ser mudado”

los de madeira, muitos dizem que eram gatos andando no andar superior. Vinha escrito no jornal que eram gatos que andavam por lá. Durante a sessão de cinema uma ou duas vezes ouvi estalos. No que o prédio caiu, eu estava trabalhando onde hoje é o Museu Prudente de Moraes. Estava com a janela aberta, naquele exato momento eu saí da minha sala, outra funcionária, Saluá Simão, irmã do Dr. Salim Simão, estava trabalhando comigo, ela viu a queda do prédio, ficou paralisada, sem palavras. Imediatamente levantou uma poeira danada, tivemos que fechar as janelas para não sermos asfixiados, eu saí na Rua Santo Antonio, vi o João Chiarini que ia passando em frente a Delegacia de Ensino. Disse-me: “Ruii o prédio, mas não aconteceu nada, foi caindo por partes”. Ele morava na Rua Santo Antonio esquina com a Rua Voluntários da Pátria. Minha amiga Janete Bassinello trabalhava no Banco da Bahia, localiza o bem na esquina da Rua São José com a Praça José Bonifácio, em frente ao Clube Coronel Barbosa. Ela estava dentro do carro, ia dar partida para rodear o jardim, iria passar por lá naquela hora, ela viu o prédio cair, instintivamente deu marcha lá e na segunda-feira eu voltei. Fiquei sozinho, esperamos bem pertinho no momento

em que aconteceu tudo isso. Depois fomos acompanhando pelo jornal o que estava acontecendo. Eu tinha uma costureira que ia trabalhar nas casas particulares, ela trabalhava por dia, ela tinha o pai e o irmão trabalhando no prédio nessa hora. O pai estava de um lado e o filho do outro. O pai resolveu sair para tomar um cafezinho, convidou o filho que estava no outro lado. O filho não aceitou nesse momento o prédio ruiu do lado em que estava o filho. Ele faleceu e o pai e o irmão

Como a senhora desenvolveu essa forma de pensar?

Comecei lendo dois livros de um pastor protestante que escreveu só sobre o valor do pensamento positivo. Eu só lia. Não praticava nada. Toda noite antes de dormir abria em uma página qualquer, escolhi dois livros de cabeceira: O Valor do Pensamento Positivo e O Poder do Pensamento Positivo. Por dois anos fiz isso, abria em qualquer página e ia um trecho. Fui com duas amigas para São Paulo, um final de semana, no tempo em que não havia metrô. Andávamos em São Paulo de taxi. Minhas amigas ficaram lá e na segunda-feira eu voltei. Fiquei sozinho, esperamos bem pertinho no momento

Naquela época professor era considerado uma autoridade

paravam. Estavam com passagens. Muidei de lado da avenida. Não adiantou nada. Achei que iria perder o horário de embarque no ônibus. Nessa hora é que veio o pensamento da leitura desses livros. Decidi por em prática

para ver se funcionava. Primeira: Ideia Certa. Voltei ao lado da avenida em que estava anteriormente. Segundo passo: Conversar com Deus como se fosse seu melhor amigo. Para mim era Deus lá nas alturas e eu não fundo do poço. Pense, se tivesse um amigo chamado Deus, a conversa seria essa: “Olha aqui, Deus! Você pode tudo, eu preciso de um taxi, necessito tomar o ônibus tal hora, você vai mandar um taxi para mim e ele vai parar aqui?”. Imaginei o lugar em que eu queria que ele passasse. Passo seguinte: esquecer o problema, entregar na mão de Deus e ele resolve. Não passaram dois minutos, uma senhora vinha de taxi e parou justamente ali! Onde imaginei originalmente. Quase cai de costas! Passei a aplicar essas regras no meu serviço. Os resultados foram imediatos.

“
Ia de bonde!
Naquele
tempo todo
mundo
andava de
bonde

“
As quinta-
feiras havia
a Sessão das
Moças, em
todos os
cinemas